

Lutas da/na vida: práticas e debates com meninas- adolescentes**Struggles of/in life: practices and debates with teenage girls**

Caroline Matos Storck¹
José Francisco Silva Sampaio²
Cristiane da Silva Santos³
Neila Maria Mendes Borges⁴
Maristela Vicente de Paula⁵
Augusto César da Fonseca Neto⁶

149

Resumo: Problematisando práticas sociais arraigadas nos valores fundados no patriarcado, a presente pesquisa tem como objetivo geral investigar a perspectiva de lutas e do ser mulher de meninas-adolescentes participantes do Grupo Valentes na Associação Laços de Bem na cidade de Catalão-GO, a partir das práticas e dos debates realizados em oficinas e intervenções político-pedagógicas, enfatizando a capoeira. Trata-se de uma pesquisa-ação de natureza qualitativa. Os dados produzidos mediante o registro em caderno de campo e entrevista semiestruturada originaram três categorias de análise: a) lutas da (fe)menina de família; b) lutas de menina, uma demanda pessoal; e c) lutas que (trans)formam: contribuições do Grupo Valentes. A proposta contribuiu para um despertar quanto às lutas pessoais e às lutas do ser mulher na sociedade. No entanto, não podemos afirmar que romperá o ciclo ao qual estão sujeitadas, pois o processo de conscientização e emancipação é lento, e a pesquisa está no campo dos contágios, criando possibilidades para que elas próprias se emancipem.

Palavras chave: Lutas. Feminismo. Educação Física.

1Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física – IBiotec/Universidade Federal de Catalão. E-mail: cstoorck@gmail.com.

2Acadêmico do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Catalão. E-mail: jfssampaio.efe@gmail.com.

3Professora do Departamento de Educação Física – IBiotec/Universidade Federal de Catalão. E-mail: cristiane_santos@ufcat.edu.br.

4Professora do Departamento de Educação Física – IBiotec/Universidade Federal de Catalão. E-mail: neila_mendes_borges@ufcat.edu.br.

5Professora do Departamento de Educação Física – IBiotec/Universidade Federal de Catalão. E-mail: maristela_vicente_paula@ufcat.edu.br.

6 Professor do Departamento de Medicina – IBiotec/Universidade Federal de Catalão. E-mail: augusto_fonseca@ufcat.edu.br

Recebido em 28/02/2023

Aprovado em 08/05 /2023

Sistema de Avaliação: Double Blind Review



Abstract: Questioning social practices rooted in values founded on patriarchy, this study has as its general goal to investigate struggle's perspective and the experiences of being a woman by teenage girls who participate in the group "Grupo Valentes" in the association "Associação Laços de Bem" in the city of Catalão-GO, based on experiences and debates held in workshops and political pedagogical interventions emphasizing a brazilian martial art called "Capoeira". It is qualitative research. The data produced from the record kept in field notes and semi structured interviews created three categories of analysis: a) the feminine struggles in the family; b) girl's battles, a personal demand; c) battles that transform: "Grupo Valentes"'s contributions. The proposal contributed to the awakening regarding the personal battles in the feminine experiences in the society. However, we can't affirm that it will break the cycle to which they are subjected, because the awareness and emancipation process is a slow one, and the research is in the infections field, creating possibilities for them to emancipate themselves.

Keywords: Martial arts, Feminism, Pshysical Education

1 Introdução

Este texto se coloca na perspectiva de um convite para as leitoras e os leitores que possam se interessar pelas experiências relacionadas às Lutas e ao Feminismo⁷. Nosso desejo é que tal experiência provoque despertamentos aos que na escrita se debruçarem e que contribua com movimentos acadêmicos e sociais que militam a favor dos direitos de sujeitos historicamente vulnerabilizados, neste caso, a menina-adolescente (mulher).

Falar de mulher de luta que luta é também dizer sobre nós, que estamos enquanto pesquisadoras de lutas. Sendo assim, buscamos neste trabalho realizar uma intervenção político-pedagógica na Associação Laços de Bem, uma Organização da Sociedade Civil (OSC) de Catalão/GO. Entendemos que é uma ação política porque expressa uma intervenção a partir de uma intencionalidade definida; e que é pedagógica porque realiza uma reflexão sobre a ação dos seres humanos nessa realidade, explicando-a (SOARES *et al.*, 2009).

Orientadas pelos princípios expressos na proposta geral ⁸da Associação surge o Grupo Valentes, com o propósito de ofertar oficinas de lutas para meninas-adolescentes. O objetivo dessa ação com o Grupo Valentes foi compor um espaço de práticas e debates sobre a 'vida de lutas e as lutas da vida'. É um ambiente que propõe uma intervenção na subjetividade dessas

7 Ideologia que defende a igualdade, em todos os aspectos (social, político, econômico), entre homens e mulheres. Ver: <<https://www.dicio.com.br/feminismo/>>.

8 Estatuto da Associação Laços de Bem. Catalão/GO. Data da Constituição: 11/07/2018.

sujeitas⁹, um espaço que contagia devires. Segundo Deleuze e Guattari (1997), devir é um processo próprio do desejo, desejo de mudança, portanto o contágio de Devir à criação de novos territórios, novas subjetividades, através da dupla captura da concepção de lutar: a luta como uma prática corporal e a luta social acerca do ser mulher na sociedade.

A partir das observações realizadas no convívio cotidiano com a região e das narrativas da comunidade, caracterizamos de maneira muito breve o público alvo participante: trata-se de meninas das camadas economicamente mais desfavorecidas e de alta vulnerabilidade social em razão da inexistência e/ou ineficácia de políticas públicas voltadas para essa população. Isso implica na relevância da iniciativa do projeto como ação que pretendeu promover condições para o protagonismo dessas meninas no despertar como sujeitas que trilham sua própria história, elaborando seu (re)início.

Deste modo, compreendemos que o Grupo Valente representa uma pequena possibilidade de desconstrução do “ser mulher” a que as participantes estão sujeitadas. Quando Simone Beauvoir (2019, p. 11) escreve “ninguém nasce mulher; torna-se mulher”, ela se refere a essa formatação social que recebemos ao longo da vida, e está naturalizada entre nós.

Assim, o objetivo geral do estudo foi investigar a perspectiva de lutas e do ser mulher de meninas-adolescentes do Grupo Valentes na Associação Laços de Bem a partir das práticas e debates realizados em oficinas e intervenções político-pedagógicas.

2 Metodologia: As Estratégias de Lutas

O percurso aqui experimentado se refere a uma pesquisa-ação de natureza qualitativa, com encontros práticos e reflexivos tendo como base a luta e o feminismo. Portanto essa pesquisa pretendeu sistematizar as vivências/experiências das intervenções político-pedagógicas realizadas junto ao Grupo Valentes na Associação Laços de Bem.

A Associação Laços de Bem é uma OSC sem fins lucrativos que desenvolve projetos sociais na comunidade há mais de vinte anos. Ela realiza ações/intervenções nas dependências do Grupo Espírita Paulo de Tarso, que está localizado no Bairro Jardim Bela Vista na cidade de Catalão/GO. A instituição busca fundamentalmente proporcionar às crianças e aos

9 Utilizamos aqui o termo sujeita(s) no feminino como um posicionamento político feminista diante do sexismo da linguagem. Outras pesquisadoras utilizam essa palavra, a exemplo da Cientista Social Camila Melo Santana (2018).

adolescentes vinculados a interação e a experimentação de vivências por meio de diferentes linguagens, jogos, brincadeiras, leitura, contação de histórias, artes, cultura corporal e musical, na perspectiva de sua formação e desenvolvimento da capacidade de comunicação com o mundo. Atua também com apoio humanitário e cursos de curta duração para as famílias envolvidas.

A pesquisa-ação expressa uma relação de quase dois anos com o Grupo Valentes que garantiu a produção de um diário de campo e se iniciou em março de 2020, pensando num trabalho que contagiasse devires, à luz de um devir-mulher, devir-lutadora, devir-mulher-lutadora e tantos outros devires possíveis (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Tomamos o devir enquanto um processo do desejo, que alcance a subjetividade das sujeitas, valorizando o seu devir individual de sujeita que se é, mas que também encontre companhias para as viagens e encontros que experienciar na vida.

Quanto às lutas da pesquisa, não sabíamos como elas se manifestariam, ou o que encontraríamos até aqui, por isso foram sistematizadas em três momentos.

2.1 Primeiro Momento

Organizamos as nossas intervenções com a programação de início para o dia 10 de março (2020), com o número máximo de 15 meninas-adolescentes, prevendo a faixa etária de 12 a 16 anos. Definimos que as/os aulas/encontros aconteceriam duas vezes por semana, com duração de 1h30min cada.

Realizamos a primeira intervenção na data programada e nesse dia participaram três meninas. No encontro foi garantida a apresentação das participantes e esclarecida a dinâmica dos encontros (assiduidade, práticas, debates e etc.), além da exposição da proposta “Valentes”.

Assistimos ao filme *Valente*, da Walt Disney, o qual inspirou diretamente o nome do grupo, partindo do pressuposto de que “a personagem principal deste filme é construída segundo uma imagem de mulher contemporânea, em sintonia com as mudanças na política de gênero da atualidade” (VITORELO; PELEGRINE, 2018, p. 3). Utilizamos essa produção por ser familiar às participantes do grupo, além de evidenciarmos a possibilidade de desconstrução da imagem das princesas clássicas que seguem uma narrativa padrão, contando com a presença do príncipe que (sempre) “salva” a princesa “oprimida e ameaçada”, numa contradição do papel do coadjuvante, que é o “herói” da história e não a protagonista.

Ainda no mês de março de 2020, a vida de todos/as nós foi atravessada pela pandemia de Covid-19, considerando as recomendações para reduzir o contágio pelo vírus por meio do distanciamento social. Logo diversos espaços foram inevitavelmente fechados e a continuidade de suas atividades presenciais foi inviabilizada. Acreditava-se que o isolamento seria apenas por dez, vinte ou trinta dias, e mantivemos a expectativa com a possibilidade de retorno rápido às atividades.

Durante a espera, tentamos preservar o contato com as participantes via grupo de *WhatsApp*. Essa relação a distância se mostrou muito rasa e podemos inferir que talvez tenha sido pela condição de termos realizado apenas um encontro presencial, deste modo não houve tempo para construirmos um maior entrosamento, o que dificultou as nossas tentativas/possibilidades de atividades remotas. O que ocorria nesse grupo era muita resistência com a nova relação, as tentativas de interação no grupo se mantinham em um diálogo monossilábico.

Diante disso, elaboramos e enviamos às participantes dois formulários do *GoogleForms*¹⁰ com questionários referentes ao filme *Valente* (assistido no primeiro encontro). A intenção dos formulários foi estimular a reflexão quanto às temáticas abordadas no filme, no entanto a participação se manteve como no *WhatsApp*, com respostas objetivas e monossilábicas. Neste momento, sentimos o desinteresse das participantes e com ele veio a desesperança das pesquisadoras; os caminhos do trabalho não estavam seguindo como planejado.

Passados seis meses lutando para não desistirmos desta proposta, um pouco mais adaptadas e conscientes quanto à organização social deste contexto pandêmico, aproveitamos o espaço de ajuda humanitária fornecida pela Associação, e um dia em que ocorreria a entrega de alimentos para as famílias, conseguimos marcar um encontro presencial, respeitando todos os protocolos sanitários e as orientações relativas ao distanciamento social. Dessa maneira, aproveitamos para rever o grupo, criar algum vínculo para desenvolvermos atividades remotas e conversarmos acerca dos enfrentamentos diante desse contexto. Foi um (re)encontro muito significativo, em que recebemos cinco novas visitantes manifestando interesse em participar do projeto. Neste dia, em setembro de 2020, foi nosso último encontro presencial e findamos o ano

¹⁰Aplicativo de gerenciamento de pesquisa lançado pela empresa Google, utilizado para coletar informações e também produzir questionários. Ver: (https://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Forms).

sem sabermos ao certo quando/e se iríamos retornar, apenas seguindo com desânimo via grupo no *WhatsApp*.

2.2 Segundo Momento

No ano de 2021, com o início da vacinação contra a Covid-19, os casos de contaminação diminuíram, os hospitais desatolaram, encerraram os diversos decretos com limitações de horários e rodízio de abertura e fechamento, havia apenas um decreto municipal que previa a liberação oficial quanto às atividades presenciais (Decreto nº 693 de 19 de julho de 2021).

Neste momento, optamos pela tentativa de retornar presencialmente, seguindo todas as orientações exigidas pelos órgãos competentes (número reduzido de alunas, atividades em ambientes abertos, utilização de máscaras, higienização e sem contato corporal). Até aqui, o grupo do *WhatsApp* contava com 13 meninas, e assim buscamos conciliar um horário que tornasse possível a participação de todas, pois a grande maioria já tinha uma rotina de trabalho, que se estabeleceu principalmente durante a pandemia, diante da necessidade em complementar a renda familiar que enfrentava dificuldades financeiras neste contexto.

Definidos os dias e os horários dos encontros, elegemos a Capoeira como conteúdo da Cultura Corporal para darmos início às práticas pedagógicas buscando as possibilidades de desenvolvimento da expressão corporal e a formação cultural por meio de debates acerca do papel, das representações e das determinações que atingem a mulher na sociedade por entendermos a prática de Capoeira como uma manifestação cultural que, segundo Soares *et al.* (2009, p. 75): “[...] é uma luta de emancipação, sua forma expressão é a voz do oprimido na relação com seu opressor”.

Ao longo dos encontros houve uma redução no número de participantes, de 13 para quatro. Dentro desse número construímos uma relação muito potente e sincera, pois elas estavam sempre com muita inteireza nas práticas e nas rodas de conversa, falavam pouco, mas percebemos um amadurecimento no decorrer de cada encontro.

Os encontros se deram com a proposta de conhecermos a história da Capoeira, experimentarmos seus movimentos básicos, estudarmos canções, vivenciarmos sua musicalidade, construirmos instrumentos e, durante o percurso, buscamos sempre ampliar o conteúdo a cada intervenção, preparando-nos para desenvolvermos nossa própria Roda de Capoeira. Ao final aconteciam as rodas de conversa, em que estudávamos e discutíamos sobre

algumas figuras femininas militantes com presença significativa ao longo da história e que inspiravam e fortaleciam nossos debates. Além disso, trabalhamos alguns conceitos como sororidade, sexismo, patriarcado, misoginia, entre outros. Segundo Hooks (2018), sororidade se refere a uma irmandade entre mulheres, praticando uma solidariedade política; sexismo é toda opressão e toda discriminação baseadas no sexo ou no gênero de uma pessoa; patriarcado é um sistema de dominação regido por e para homens; e misógina é toda forma de ódio ou desprezo contra uma mulher. Trabalhamos tais conceitos evidenciando como se manifestam nas práticas de lutas e nas lutas da vida de cada uma.

Encerrado então este ciclo com a prática de Capoeira, a proposta foi realizar a transição para uma próxima prática corporal de Lutas, no entanto, novamente os encontros foram paralisados, desta vez por motivos pessoais das participantes. Neste momento, das quatro mais assíduas nos encontros, duas enfrentavam conflitos familiares, o que levou à mudança de ambas para bairros muito distantes, impossibilitando o deslocamento para participarem dos nossos encontros. As outras duas participantes (que se mantiveram no bairro) escolheram aguardar uma nova reorganização para que todas pudessem participar.

2.3 Terceiro Momento

Com a interrupção dos encontros, entendemos que deveríamos manter relações remotas e finalizar a proposta pedagógica apenas com o conteúdo de Capoeira, visto que a reunião presencial com a participação de todo o grupo já não era possível.

Agora, com a relação fortalecida no percurso, seria possível seguir as atividades remotamente. Mantivemos contato via *WhatsApp* e produzimos um *Vlog*¹¹, onde as participantes fizeram uma espécie de “rodízio” semanal com uma câmera digital (disponibilizada pelas pesquisadoras). Cada uma se mantinha com a câmera em mãos durante uma semana e realizava registros do seu dia a dia, trabalho, relação familiar, lazer, e poderia partilhar o que desejasse também.

¹¹Vlog é a abreviação de videoblog (vídeo + blog), um tipo de blog em que os conteúdos predominantes são os vídeos. Ver: (<https://www.significados.com.br/vlog/>)

Após todas utilizarem e compartilharem sua rotina, realizamos um trabalho de edição de vídeo, compilando todos os registros feitos e construindo de uma forma cômica e descontraída um vídeo coletivo.

Mesmo com os empecilhos para nos reunirmos, conseguimos organizar uma “carona solidária” para as participantes que moravam distante do projeto, e marcamos um novo encontro. Esse momento tinha uma intenção-formato de despedida temporária, assistimos a nossa produção do vídeo e aproveitamos para conversar bastante sobre a vida e todos os enfrentamentos que estas meninas-adolescentes estavam vivenciando no contexto pandêmico.

Seguindo neste ritmo de entrega e confiança, propusemos que fosse escrita uma lista individual de coisas que desejávamos vir a ser – sonhos e perspectivas para o futuro. Todas leram sua lista e aplaudiam os desejos uma das outras. Feito isso, cavamos juntas um buraco num cantinho “escondido” dentro do espaço da associação, e lá enterramos nossas listas, firmando o compromisso de um dia, todas juntas, retornarmos e relermos.

Além desta lista, escrevemos outra em que pontuamos as desgraças da vida, as lutas e os enfrentamentos que cada uma estava vivenciando. Lemos todas em voz alta, e percebemos a particularidade de cada participante, o quanto essas meninas eram tão próximas e ao mesmo tempo com vidas tão diferentes. Numa mesma faixa etária, com suas lutas muito individuais e muito duras.

Por fim, montamos juntas uma fogueira, e cada uma ateou fogo nesta lista, mentalizando tudo de ruim que as afetava de forma desagradável, diminuía sua potência e força de existir. Assistimos a dança das chamas transformar todas as lutas em cinzas; relembramos sobre o conceito de sororidade e como poderíamos aprender e nos fortalecer com as experiências umas das outras. Este dia foi o último encontro antes das entrevistas individuais, que foi o momento em que as meninas-adolescentes expressaram o que o Grupo Valentes significou para elas.

Nesse contexto, como instrumento de coleta de dados foi utilizado o Diário de Campo, produzido ao longo dos estudos e intervenções deste projeto, e a entrevista semiestruturada, guiada por um roteiro contendo cinco questões, possibilitando uma comunicação verbal que reforça a importância e o significado da fala (MINAYO, 2002).

A entrevista foi realizada com quatro participantes assíduas do Grupo Valentes que, nesta escrita, a fim de preservar o sigilo de suas informações pessoais, receberam codinomes

de fêmeas que em sua espécie são dominantes no reino animal¹²: Leoa, Formiga, Hiena e Abelha. Todas as participantes foram entrevistadas apresentando alguns dados de identificação e respondendo questões que versaram sobre o contato com as lutas corporais, sua participação e compreensão do projeto e sobre o conceito amplo de lutas, lutas da vida.

A fim de atingir os objetivos propostos e, considerando o caráter exploratório da pesquisa, os dados após serem coletados foram organizados em três categorias: a) lutas de uma fe(menina) de família; b) lutas de Menina: uma demanda pessoal; e c) lutas que trans(formam): contribuições do Grupo Valentes e foram analisados a partir de uma abordagem qualitativa.

3 Apresentação dos Dados

3.1 Lutas da fe(menina) de família

Entendendo a família como uma organização primária em nossa sociedade que molda a identidade inicial do sujeito, buscamos nesta categoria apresentar as perspectivas que as famílias têm repassado para as sujeitas participantes acerca do seu lugar/papel na sociedade. Analisamos as falas que exprimem suas experiências em vida privada, refletindo sobre essa organização familiar que afeta e forma o perfil dessas sujeitas numa esfera pública.

Após leitura minuciosa das falas, os dados nos mostraram como essas afecções familiares podem influenciar na expansão da potência de ser e existir destas sujeitas, ou ao contrário disto, podem tolher suas potencialidades. Em alguns casos a influência familiar e a vida privada foram decisivas na escolha e na permanência das sujeitas no projeto. Referimo-nos aqui às diversas participantes que foram convidadas, demonstraram interesse de participação, frequentaram os primeiros encontros, mas não se mantiveram no percurso. De acordo com relatórios do diário de campo identificamos alguns elementos que motivaram essa não participação, os quais se referem aos afazeres domésticos, à dependência do/a responsável para chegar até local, além de novos relacionamentos que as distanciavam das atividades na Associação.

12 Na Capoeira, é comum os grupos realizarem um ritual de batizado com os/as participantes, em que se costuma apelidá-los/as com fenômenos da natureza, animais ou características que melhor descrevem o/a capoeirista. Na intenção de enaltecer a figura da fêmea, selecionamos aquelas dominantes em sua espécie e que acreditávamos melhor representar cada participante da pesquisa.

Identificamos nos dados pessoais que todas as sujeitas, sem exceção, foram criadas por mulheres - mãe e avós, e não mantiveram um contato frequente com o pai. Compõem famílias numerosas, com uma média de 4/5 filhos. As avós aparecem de forma significativa nos relatos.

No vídeo produzido durante o percurso de intervenções as participantes apresentaram sua rotina, permitindo-nos identificar que elas praticamente assumem a “maternidade” dos/as irmãos/ãs mais novos/as, além de se envolverem com trabalhos relacionados a esse papel materno na função de babás.

Na fala de uma das entrevistadas, apresentou-se também a responsabilidade com as tarefas domésticas:

[...] eu tenho que fazer as coisas em casa, e na casa da minha avó, que minha mãe manda, e as vezes eu queria ficar sem fazer nada, porque eu fui trabalhar cuidando das crianças lá todo dia, aí chega e tem que fazer tudo lá em casa também [...] ai tem tipo os filhos homens, ai tudo quem tem que fazer é a menina, entendeu? [...] na minha casa meu irmão pode até sair sem fazer as coisas lá de casa, porque eu já vou ter que fazer mesmo, porque tipo que eu sou a filha menina né, entendeu? (LEOA, 16 anos).

No trecho narrado pela participante Leoa, ela nos falou das responsabilidades definidas por gênero fixadas pela mãe entre ela e o irmão, sendo que a sujeita trabalhava como babá, assumia os cuidados da sua casa e da casa de sua avó. Noutros momentos de encontro do grupo, Leoa teve que levar o irmão mais novo, pois o mesmo estava sob sua responsabilidade.

Os papéis de gênero estão culturalmente enraizados, com “tarefas de meninos e tarefas de meninas”. A partir de algumas falas da mesma participante, como: “minha mãe e minha avó já passaram por um monte de coisa, de trabalhar cuidar das coisas e de nois [...]”, entendemos que a mãe e a avó (criadoras e responsáveis de Leoa) foram em algum momento de suas vidas oprimidas e impostas a essa Mística Feminina e ao mesmo tempo esperam que Leoa a reproduza. Mística Feminina, à luz da obra de Betty Friedan (2020), representa uma imagem idealizada da feminilidade, arraigada no casamento e na família, como o papel disponível mais desejado pelas mulheres: devotar suas vidas para criar os filhos e criar um lar harmônico para toda sua família.

Isso reflete a artilosidade de uma sociedade patriarcal, em que a própria educação da mãe/avó para a filha reproduz um mesmo perfil, demonstrando como está enraizado aquilo que lhes ensinaram, fortalecendo o ciclo oprimido-opressor, pois quando o processo educativo não provoca liberdade, o sonho da oprimida é se tornar opressora (FREIRE, 2019).

Noutra entrevista a própria sujeita participante afirmou, com indignação, ser a única responsável pelas tarefas domésticas, no entanto justificou que isso só ocorria porque ela não estava trabalhando fora de casa:

Assim, antes quando ninguém trabalhava, todo mundo em casa era dividido né as coisas de fazer em casa, mas agora não.... Tudo diferente, porque assim, uma suja a vasilha ali... não limpa! Deixa endurecer lá e eu que tenho que chegar lá e lavar, e tipo... já chega gritando comigo falando que já eu que tinha que ter lavado...eu que já tinha que ter varrido a casa..., mas é só porque eu sou a única que fica lá né, aí se eu tivesse trabalhando também ia ter consenso (HIENA, 15 anos).

Hiena apresentou as responsabilidades domésticas como se não fosse uma forma de trabalho, tomando para si o que Friedan (2020) define como trabalho invisível não remunerado, que tira tempo/oportunidades de estudos, lazer e até mesmo o próprio ócio. Ousamos ainda afirmar que em caso de trabalho externo, Hiena certamente assumiria uma dupla jornada de trabalho (externo e domiciliar).

Outra participante apontou como uma “vantagem” dos meninos não precisarem “cuidar de casa”: “Os outros tem esse conceito né, de que a mulher tem que ficar no fogão, fazer comida e outras coisas, e os meninos estão de boa, nem falam isso, nem liga pra muito pra isso” (FORMIGA, 16 anos).

Evidenciamos, por meio dessa fala, um privilégio dos meninos na forma como essas famílias se organizam, como consequência a isso tolem e fragilizam as meninas. Há uma hierarquia familiar em que menino é a figura do mantenedor, protetor e provedor da casa. Em contraponto, a menina é a figura do cuidado do lar, protegida, resguardada, subordinada em relação aos irmãos.

Nas rodas de conversa durante as intervenções, ouvimos relatos da infância de meninas que lavavam as roupas dos irmãos, recolhiam os objetos deixados pela casa e preparavam o alimento para ser servido após a jornada de trabalho. Em curto prazo nos parece inofensivo, são apenas pequenas “ocupações”, no entanto, pensando em longo prazo, serão futuras mulheres/esposas subordinadas, que precisam de proteção, preparadas apenas para um contexto da vida: o casamento para o sustento. Constrói-se uma mulher insegura, que permanece em estado de submissão, sempre vista como o “outro”. Em sua obra *O Segundo Sexo*, Beauvoir (2019) explica que a mulher é simplesmente definida e diferenciada tendo como referência o homem, e não a si mesma, assim a sociedade determina o homem como norma e a mulher como o sexo secundário.

Nossa problematização não deseja que as meninas-adolescentes subtraíam a potência dos irmãos e dos amigos, mas que assim como eles, possam ter bons encontros que as potencializem a experimentar o que o corpo pode. Todas essas atribuições sexistas limitam suas experiências corporais: “[...] sempre me falam, tipo ficam falando que lugar de mulher é em casa, arrumando a casa, e eu gostava muito de vir pra cá jogar bola com os meninos e sempre ficar fazendo isso, brincando e tals [...]” (FORMIGA, 16 anos). Com uma pressão para se respeitar “características femininas”, elas também demonstraram muitas dificuldades durante nossas práticas de Capoeira:

Hoje na aula eu tive que adaptar muitos movimentos, fazer muitos educativos, pois, as meninas estão com muitas dificuldades e dores no corpo com a repetição das práticas. Elas não estão fazendo nada, por causa da pandemia, ficam o tempo todo dizendo “ai professora estou muito sedentária”. Não tem força, equilíbrio, nem coordenação [...] ficam rindo muito umas das outras [...] (Trecho do Diário de Campo).

Apesar das práticas corporais não terem uma característica que focava a técnica “perfeita” da Capoeira, as dificuldades das sujeitas refletem principalmente este silenciamento corporal, com um controle que limita seu brincar, correr e se movimentar. Embora todas entrevistadas tenham afirmado que já experimentaram uma prática corporal de luta, elas não seguiram, continuaram “escondidas” em casa.

Mesmo afirmando com tom de reclamação e identificando como ideias ultrapassadas, as meninas estão completamente capturadas por esse “modelo de moça do lar”. Quando questionadas que mulher as inspirava, três delas responderam de forma muito parecida:

[...] Mãe, tia e avó, pelas histórias que elas contam né de tudo que passou pela vida, e pelo que vem acontecendo né (HIENA, 15 anos).

Avó, porque eu acho que ela já teve muitas histórias e esses trem, aí eu admiro a minha avó, ela fala de umas dificuldades e depois cuidou de todo mundo (ABELHA, 9 anos).

Mãe, é porque tipo, ela teve 3 [...] 4 filhos [...] ela ficou 11 [...] 12 [...] 13 anos sei lá, com meu ex-padrasto e mesmo assim, não tava sendo bom pra ela, e ela aguentou porque não tinha onde morar, porque se ela tivesse sozinha ela podia ir pra casa da minha avó; aí por causa da gente ela ficou aguentando humilhação, pra ficar na casa e tals, e quando ela tava grávida de mim, mesmo tando grávida de mim ela saía da roça até na cidade de a pé para vir trabalhar (LEOA, 16 anos).

Entendemos que as mães e as avós as criaram, portanto, tornam-se a referência mais próxima que têm de uma mulher. No entanto, justificaram a admiração apresentando questões relacionadas à resiliência dessas mulheres, num sentido de suportar a sua condição e de serem cuidadoras. Percebemos que as falas apenas expressam admiração pela resistência de suas

mães/avós, porém em nenhum momento identificamos um apreço por conquistas numa outra perspectiva, isto é, não de sobrevivência, mas de alcançar ou conquistar algum sonho pessoal de vida.

É neste sentido que o “pessoal é político”, a vida privada se reflete na vida em sociedade dessas meninas. A família é quem forma e orienta sua maneira de ser e agir no mundo. Admiram sem questionar aquilo que elas próprias “reclamam” em suas vidas. O pessoal e o político são indissociáveis, e não desejamos separar essas instâncias (público e privado), pois isso seria limitar e desvalorizar a totalidade dessas meninas. O pessoal é político, porque não há que se resguardar o público para o menino e o privado para a menina, pois concretizamos a nossa vida em sociedade nessa relação dialética com o mundo.

Resguardar essas sujeitas ao privado é pura suspensão de sua humanidade, diante disso o Grupo Valentes tem a intenção de intervir para provocar um desvio desta realidade, de seus “porquês” quando lhes dizem o que podem ou não fazer, para que a justificativa “porque você é menina nunca seja razão para nada. Jamais” (NGOZI, 2019, p. 10).

3.2 Lutas de Menina, uma demanda pessoal

Identificamos nestas análises que os problemas pessoais são problemas políticos, posto isso, percebemos a individualidade do grupo, pois cada uma tem sua demanda pessoal. Esta categoria traz os resultados das experiências e situações pelas quais as participantes apresentam suas lutas pessoais, por meio das falas expressam sentimentos e discorrem sobre seus enfrentamentos. Atravessadas o tempo inteiro por suas lutas, sejam em suas relações, com seu corpo ou sua sexualidade, todas são lutas políticas e nos mostram como surgem no pessoal.

No que se refere às identidades construídas e moldadas na família e na sociedade, as participantes se apresentaram muito inseguras quanto as suas aparências, caindo mais uma vez nas armadilhas do patriarcado. Quando questionadas sobre “se achar bonita”, uma das participantes discorreu a respeito do seu cabelo e corpo:

Ele é crespo, mas ele é cacheado, mas de tanto [...] tanta química que eu usava quando eu era mais nova [...] é [...] foi destruindo os cachos... e só tem volume[...].

[...] Sei lá, eu gostaria de ser magra né [...] porque [...] misericórdia eu tô muito gorda (falou rindo) [...] mas eu queria mudar muita coisa em mim (HIENA, 15 anos).

As ideias de beleza são socialmente construídas, cria-se um fetiche do corpo belo inalcançável, por ser uma fantasia. Quando Hiena afirmou que usava “tanta química” desde mais nova, tendo apenas 15 anos, demonstrou como essas meninas são escravizadas pelo mito de que a beleza é algo atingível, perseguem isso em boa parte de sua vida e à medida que tentam corresponder ao mito da beleza, a sociedade cria novos cenários de neuroses.

O mito da beleza é uma obra feminista escrita por Naomi Wolf (2019), em que ela denuncia que as normas de beleza impostas pela sociedade patriarcal controlam e fazem com que as mulheres se desvalorizem, determinando o seu comportamento ao longo da vida, pois “o mito da beleza de fato sempre determina o comportamento, não a aparência” (WOLF, 2019, p. 31). A autora ainda escreve que não deseja proibir as mulheres de se entregarem à própria sexualidade ou usarem batom, mas quer que elas parem de se ver negativamente, que possam ter escolhas quanto ao que querem e não ao que são impostas.

Estes padrões determinam também modelos de feminilidade ensinando às meninas como se vestir e se adornar para serem mais atraentes e femininas:

[...] quando eu fui cortar meu cabelo, a minha mãe não queria deixar porque ela sempre falava cabelo curto é de homem, aí sempre teve esses negócios sabe? Tipo também minhas roupas, ela diz assim que se arrumar com umas roupas mais de menina (FORMIGA, 16 anos).

A fala da sujeita nos remete às definições e atribuições do que é “ser mulher”. Como enfatizou Beauvoir (2019, p. 11), “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, isso se refere às estratégias e práticas sociais e culturais que produzem e moldam meninas. Portanto, ser mulher é uma construção, o sentir-se mulher não vem de um vácuo, é ensinado. Sendo assim, desde pequenas, aprendemos o que é ser mulher e o que é ser homem.

Compreendendo as mulheres como uma minoria social¹³, que luta contra a discriminação de gênero, há também outras minorias que aparecem nas lutas da vida das participantes:

Sempre foi um pouco mais difícil [...] E, como ser negra também sabe [...] porque quando entrava em algum lugar sempre ficavam assim olhando como se eu fosse roubar alguma coisa[...].

Bom, já passei por situações difíceis, até mesmo porque eu não sai do armário [...] eu fui tirada do armário né (falou rindo) [...] nem imaginei que ia chegar ao ponto de ir lá em casa e falarem muitas coisas para minha mãe [...] eu não contei para minha família, eles que chegaram lá falando tudo, expondo e dizendo que eu iria pro inferno

13 A palavra “minorias”, nesse caso, não se refere a um número menor de pessoas, à sua quantidade, mas sim a uma situação de desvantagem social.

por isso (falou rindo)[...] eu já assumi, mas eu sei que vou enfrentar muita coisa ainda né, a gente vê na internet como tem muito preconceitos ainda, só que não arrependo (FORMIGA, 16 anos).

As lutas que aparecem na fala desta participante apresentam uma adolescente menina-negra-bissexual, portanto com três diferentes estigmas que a fazem se sentir fadada a enfrentar preconceitos ao longo da vida. Fica clara a interferência da instituição religiosa neste caso, expondo a sujeita e “profetizando” o seu destino, sendo que “ir para o inferno” significa ser condenada por sua orientação sexual.

No entanto, ela se mostrou desperta do que está por vir, assumindo sua identidade e sua luta e entendendo o quão absurdas são essas questões preconceituosas, quando nos apresentou toda sua narração sorrindo. As falas de Formiga expressam uma posição de sujeita consciente e, de acordo com Freire (2019), a opressão só poderá ser superada através de uma tomada de consciência, não uma consciência ingênua, mas se faz necessária uma conscientização crítica. Deste modo, se reconhecer enquanto mulher-negra-bissexual é reconhecer a sua realidade e as relações que a oprimem e a exploram, impedindo-a da sua constante busca de “ser mais”.

Seguindo a ideia da pedagogia libertadora de Paulo Freire, a conscientização crítica se efetiva através da práxis numa atuação ativa do sujeito no mundo. Na práxis reflexiva e transformativa é que se liberta e humaniza o sujeito histórico, regendo sua ação sob sua própria realidade para transformar e superar a condição de oprimido (FREIRE, 2019). Diante disso, o projeto Valentes propõe esse movimento dialético articulado entre a prática e o pensamento das lutas, buscando expandir a formação política e crítica das sujeitas diante de suas demandas pessoais. As lutas, enquanto prática social e corporal - representadas aqui pela Capoeira - expressam, de forma explícita, a “voz” do oprimido na sua relação com o opressor (SOARES *et al.*, 2009).

3.3 Lutas que trans(formam): contribuições do Projeto Valentes

Desde o início desta escrita temos apresentado sujeitas tensas, acanhadas, fechadas, mas que no percurso dos encontros se abriram aos afetos compartilhados, fortalecendo um laço do bem que nos envolve, criando um espaço de confiança umas nas outras. Através da nossa relação horizontal aconteceram bons encontros, assim como “um grupo de amigas da escola”, onde socializamos nossos dias, nossas lutas, medos e paixões.

Nesta categoria apresentamos os resultados que se referem a nossas experiências compartilhadas na dinâmica das Lutas como um ensino plural, em que é relatado, na perspectiva das participantes, como o projeto contribuiu e afetou suas vidas, os modos de ver, viver, conviver e agir no mundo.

Na fala a seguir, a participante descreve a ajuda proporcionada pelo grupo em seus enfrentamentos pessoais:

Me ajudou nas vezes que eu andava muito triste, com o que estava acontecendo [...] aí eu vinha encontrava com vocês distraía. [...] e vocês me ajudava muito nas minhas questões de ansiedade e depressão, as vezes eu queria ficar aqui... não queria voltar pra casa porque tava acontecendo aquele monte de coisa né [...] aí eu gostava muito disso, voltava pra casa toda feliz [...] não me sentia sozinha (HIENA, 15 anos).

Tal fala demonstra como somos afetadas por muitos outros corpos e ideias que vêm do mundo exterior, que não são necessariamente negativos. Neste caso, os problemas em casa afetavam de uma forma ruim, diminuía sua potência de agir. E, à luz de Espinosa (2009), consideramos as intervenções como um bom encontro, que provoca um afeto alegre acompanhado de sentimentos positivos (confiança, felicidade, amor). Essa alegria sentida por Hiena é o afeto fundamental que acompanha a sua potência de agir “passando de uma menor perfeição a uma maior perfeição” (ESPINOSA, 2009, p. 71).

Em outras palavras, tudo na vida é uma questão de bom ou mau encontro. Os processos de bons encontros com o Grupo Valentes nos potencializaram em diversos contextos da vida:

É tipo que você ter um grupo de amigas na escola, tipo que um grupim de amigas, e cada uma conta o que sente e como é a vida, e que aí elas se entendem.” [...] “É, que as vezes uma fala alguma coisa que é igual na minha vida, ou pior (falou rindo bastante). É igualzinho quando ia pra escola, conversa e desabafar, é igual (LEOA, 16 anos).

A abundância do diálogo e a troca entre o grupo demonstram a disposição acerca das lutas que se revela na voz das outras, encontrando a si mesmas nas outras, e há muitos modos de se encontrar, sentir, perceber e dizer, e são modos variáveis de acordo com cada formação histórica (DELEUZE; GUATTARI, 1997); em grupo podemos construir caminhos muito particulares. Houve diversas maneiras e momentos nos quais ouvimos e falamos, e nossa experiência era apreendida e ensinada por meio do convívio e das trocas de saberes numa educação sobre mulheres entre mulheres:

Me ajudou porque a gente conversou várias coisas diferentes, e sobre vários conceitos de mulheres e conhecer mulheres importantes também, que eu nem sabia que tinha. E

eu achei muito legal aprender isso, eu nunca tinha feito aula assim desse jeito porque a gente estuda, conversa umas coisas da vida né (FORMIGA, 16 anos).

Nesta fala, Formiga nos apresentou uma contribuição se referindo à pedagogia dos encontros, manifestando como um primeiro contato com os conteúdos feministas é uma forma “estudar e conversar”. Outras participantes também falaram de seus sentimentos de satisfação quanto às experimentações teórico-práticas dos encontros:

Era legal tinha aula teórica e aula prática, e as vezes também a gente assistia filme e conversava sobre eles, dava pra entender melhor o que eu não tinha entendido (LEOA, 15 anos).

Eu gostei mais de aprender a luta [...] os golpes foi muito bom e também de conversar com as meninas... eu fiquei treinando estrelinha em casa (ABELHA, 9 anos).

Eu achei o projeto muito legal porque quando eu entrei, eu pensei que a gente ia ficar só lutando aqui, fazendo uma coisa ali, mas a gente além de aprender os golpes a gente sempre conversou também, e aprendeu muitas coisas diferentes... viu alguns filmes também e falou sobre histórias de muitas mulheres e eu achei isso muito legal e você sempre explicou também a história da luta que a gente tava fazendo né, que é a luta da capoeira (FORMIGA, 16 anos).

Observamos nessas falas a materialização de nossa práxis pedagógica, a qual experimentamos em todos os encontros; trabalhando a Capoeira compreendemos a riqueza de seus movimentos e ritmos sem separá-la de sua história, concomitante a isso, discutimos a respeito dos movimentos das nossas lutas da vida, em suas velocidades e intensidades, mediando o ato e a reflexão, a fim de criticar a realidade, problematizá-la e minimamente superá-la.

O Grupo Valentes também possibilitou a alegria em retornar ao espaço da Associação Laços de Bem, onde as sujeitas estabeleceram diversas relações e experimentaram uma energia de infância plena:

Nois ficava aqui o dia todo, brincava muito fazia tudo [...] coral[...]yoga[...]era bom professora, aí depois ficamos sem vir porque fechou né, aí ficamos tudo atoa (LEOA, 16 anos).

Antes eu vinha e passava o dia inteirinho aqui, aí depois não podia mais né que fechou (ABELHA, 9 anos).

Achei muito legal, porque eu não fazia nada lá em casa e a gente se encontrando aqui fazendo várias coisas diferentes, vir aqui de novo e ver as meninas também (FORMIGA, 16 anos).

Em função do contexto pandêmico, houve a paralisação das atividades na Associação. O isolamento manteve todas as sujeitas em casa, carregadas de medos e incertezas, enfrentando todos os dissabores provocados pela pandemia. A quarentena não nos oferece tempo-espaço

para brincar ou jogar, pois ela nos toma atenção para tantas outras questões que sorrir em meio ao caos não tem graça (PAULA *et al.*, 2021 p. 307). Diante disso, os encontros do Grupo Valentes foram como um combustível possante para se entregar a uma fuga libertária e traçar as linhas de fuga de cada uma. Para Deleuze e Guatarri (1997), as linhas de fuga guiam em direção ao novo, rumo ao não previsível, não preexistente. Traçar essas linhas é romper e preparar para novos espaços e tempos.

Ainda numa perspectiva deleuziana é nas fugas que escapamos da territorialidade forçada pelas relações de poder do patriarcado. A fuga é um ato de coragem que se fortalece no coletivo, é nela que nos encontramos nas lutas umas das outras. As sujeitas aqui entrevistadas não estão representando somente elas, mas várias meninas-adolescentes que não foram desterritorializadas. Quando questionadas sobre onde a luta aparece na vida das mulheres, apenas uma participante não conseguiu falar algo sobre as lutas das mulheres, as outras três discorreram:

[a luta da mulher] aparece acho que na forma de julgar porque a mulher fica julgada né por ter fama de pegar pessoas assim, toda hora trocando, mas eu não julgo muito não, porque as vezes não tá dando certo [...], mas aí povo fica falando [...] tipo que fofocando dela (HIENA, 15 anos).

Eu acho que aparece quando a mulher vai conseguir um emprego, porque hoje em dia num é qualquer mulher que pode ficar com qualquer emprego [...] que tem empregos que eles falam que é específico pra homem, específico pra mulher (LEOA, 16 anos).

Acho que é no medo que a gente tem que passar por andar na rua sozinha de noite sempre tem que ficar naquela tensão [...] se passa um carro assim mais devagar olhando pra gente sempre tem mais essa tensão (FORMIGA, 16 anos).

As três respostas apresentam de maneira sucinta diferentes tipos de lutas vivenciadas pelas mulheres de um modo geral. A primeira se refere a um julgamento quanto à honra e à exposição da vida pessoal, entendemos nesta fala que o ser mulher é viver atravessada por esses julgamentos em qualquer âmbito da vida. A segunda participante se refere a uma desigualdade nos papéis de gênero e status social, em que o trabalho é uma das instâncias que tolhem nossas potências, portanto, entendemos nesta fala que ser mulher é estar inserida num mercado de trabalho excludente em que temos sempre que provar nossas capacidades para conquistar espaço. A terceira e última apresenta a luta com os medos quanto a sua segurança, compreendemos nesta fala que o ser mulher é nunca estar totalmente segura, estar sempre com medo de ir e vir.

É possível identificar na fala de todas as participantes suas perspectivas de lutas individuais e coletivas compartilhadas em grupo, além disto, expressaram diversas formas de contribuições do Grupo Valentes. Foi uma experiência vivida de despertamentos em todas nós:

Ah professora, eu me inspiro em você, eu acho você muito boa e também por ter tomado essa iniciativa de vir aqui e fazer esse projeto com a gente, eu acho isso muito bom porque também a gente aprende umas coisas novas, ninguém daqui vai fazer aqui esse tipo de coisa (FORMIGA, 16 anos).

Esta fala se refere à mediadora principal do processo de pesquisa-intervenção (professora-pesquisadora); a participante Formiga identifica o desejo de produzir um acontecimento que interrompe a história, revoluciona e cria um novo início. As lutas que (trans)formam só acontecem em movimento fluído, contagiando devires. Nós, como sujeitas de transformação em transformação, vamos nos (re)criando nesse convívio entre meninas-mulheres, inspiradas por tantas outras mulheres, sem deixar de ser quem somos, mas se ampliando ao novo, expandindo juntas nosso devir-lutadoras.

4 A luta não acabou! Algumas (in)conclusões do percurso da pesquisa

Este trabalho movimenta-se por um período de constantes transformações do mundo e da vida de todas envolvidas na pesquisa. Escolhemos uma metodologia de quem faz com as sujeitas, e não para as sujeitas. Como nos colocamos em posição de participantes e pesquisadoras, houve devires despertados coletivamente com o amadurecimento de nossa própria experiência, que atravessa a nossa vida de lutas com a imersão nesta pesquisa.

Encontramos um território de muita luta, de um povo sofrido que sonha com as condições para viver bem. As sujeitas de nossa pesquisa são marcadas por esse percurso de lutas, de quem apenas resiste e suporta, de quem vive porque luta, de quem apenas está na luta, arrastada por ela. Nossa prática e debate foram no sentido de intervir e despertar para a luta da vida. Quando escrevemos lutas da vida, estamos falando de quem escolhe a militância, de quem opta por confrontar a favor dos seus direitos como sujeitas ativas que partem para a luta. Quando escrevemos lutas na vida é sobre quem está passiva no processo, arrastada pelos enfrentamentos do dia a dia, e luta apenas para sobreviver.

Identificamos neste percurso uma posição de sujeitas moldadas nas bases de uma sociedade patriarcal, com indignações ingênuas de quem ainda não questiona a realidade. A partir das intervenções e dos debates realizados no coletivo, notamos que o projeto contribuiu

para um despertar, mesmo que mínimo, quanto às lutas pessoais e às lutas do ser mulher. No entanto, não podemos afirmar que irão romper o ciclo ao qual estão sujeitadas; entendemos que o processo de emancipação e conscientização é lento, e não caberia a nós assumirmos essa luta. O nosso trabalho fica no campo dos contágios, atravessando minimamente estes ciclos, criando possibilidades para que elas próprias se emancipem.

Incontáveis outras questões apareceram no processo, mas em função do tempo e do espaço acadêmico, e também por não ser o objetivo deste trabalho, não caberia aqui serem respondidas. Mas, essa pesquisa é um gerúndio e essas hipóteses identificadas ficam no campo das possibilidades contribuintes para outras oportunidades e possibilidades de pesquisas na área da Educação e da Educação física, visto que esse debate com a dupla captura da luta numa perspectiva feminista ainda foi pouco explorado no campo científico e acadêmico.

Por fim, a caminhada e os movimentos não foram fáceis, e nunca serão! Mas, somos ousadas e valentes, certo?!. Valente é vento forte e brisa suave em um dia quente de verão, valentes é convite à militância feminista para professor e professora, para menino e menina, para homem e mulher, para todos/as que entendem que temos um problema de gênero e temos de lutar para resolvê-lo.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia**. v. 4. São Paulo: 34, 1997.
- ESPINOSA, B. de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 61. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019a.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 61. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019b.
- FRIEDAN, B. **A mística Feminina**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.
- HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

MINAYO, M. C. (Org.) et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 80p.

NGOZI, C. **O perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PAULA, M. V. de *et al.* A fuga do jogo e brincadeira: prejuízos para o brincar frente aos desdobramentos da pandemia. In: _____. (org.). **Direitos humanos violados na pandemia de COVID-19: Enfrentamento e Resistência**. Curitiba: CRV, 2021.

SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

VITORELO, R.; PELEGRINE, C. Valente: a desconstrução dos estereótipos femininos em uma princesa da Disney. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 135-152, jan./jun. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/21480>>. Acesso em: 25 de nov. de 2021.

WOLF, N. **O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.